



sumario

Necrológica

Albert López Mullor 2

Editorial

O estudo de contextos em Arqueologia do Mundo Romano e da Antiguidade Tardia no século XXI: a lenta construção de *um E pluribus unum* 4

Noticias

Notas sobre el tipo anfórico T-11216 a partir del estudio de dos ejemplares inéditos de procedencia subacuática 7

“El Bombo”. Posible centro productor de ánforas Ovoide 5 en el territorio ribereño de Córdoba 9

Nuevas atestaciones del comercio ebusitano de época tardorrepública procedentes del litoral de Francia 11

TI.CALPVRNI en un ánfora tarraconense del Olivillo (Cádiz) 14

Un extraordinario e inédito caso de ánfora reparada. La Dressel 3 de la Font de ses Aiguades (Mallorca, Illes Balears) 19

Un fragmento de ánfora Dressel 7-11 con marca *TIBISI* con S retrógrada 21

Un ánfora Haltern 70, procedente de Ibiza, en Premià de Mar 23

Un nuevo grafito calendario sobre ánfora Dressel 20 en contexto de producción 25

Un ejemplar completo de Dressel 20 de la *figlina Scimniana* expuesta en el Museo de Prehistoria de Valencia 28

Un ánfora completa de la forma africana 3 hallada en la costa valenciana 30

Nuevo motivo de cerámica estampillada figurativa propio del ibérico pleno, localizado en el yacimiento del arroyo de Valdespino (Herencia, Ciudad Real) 33

Tobera de fuelle de horno metalúrgico del Cerro de las Cabezas (Valdepeñas, Ciudad Real) 36

Lagynos engobado y decorado hallado en Los Villares (*Laminium-Alhambra*, Ciudad Real) 39

Nuevas formas de cerámica pintada romana de “tipo Clunia” documentadas en Palencia 44

Un vaso votivo bracarense de Castromao (Ourense) 49

Un nuevo ejemplar de cantimplora en *Terra Sigillata* Hispánica localizada en *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) 51

El largo camino hacia la reconstrucción de las estructuras de comercialización de los alfares de *Istugi* (Los Villares de Andújar, Jaén). El problema de identificación de las *sigillatae* isturgitanas 53

Plato de *TSHT* forma Hisp. 74-Palol 4 procedente de la Salceda (Tricio, La Rioja) 57

Artículo

Reflexiones desde el mar de Ítaca 62



O estudo de contextos em Arqueologia do Mundo Romano e da Antiguidade Tardia no século XXI: a lenta construção de um E pluribus unum

A expressão latina *E pluribus unum*, que podemos traduzir talvez como *com a diversidade, a unidade*, é mais conhecida hoje em dia, para quem for português e adepto de desporto, como o lema de um dos maiores clubes portugueses, o Benfica; ou para quem for mais versado em História Contemporânea, um dos lemas de um dos países mais influentes a nível internacional, os Estados Unidos da América.

Serve este introito para dizer que, se nunca aplicámos este lema à construção do nosso conhecimento sobre a cultura material na Antiguidade, a verdade é que ela, como toda a realidade social e humana, é um todo orgânico, do qual nós vamos construindo parcelas, a partir das quais tentamos, mais ou menos abusivamente, inferir o todo. Entre unidade e diversidade, o conhecimento do passado mais não é do que uma tentativa de extrapolar leis para uma realidade complexa, que não pode ser testada em laboratório, qual experiência mecânica ou química, mas tão-só percebida pelos dados que exumamos e analisamos. E os estudos sobre o mobiliário do passado são talvez um caso exemplar das dificuldades epistemológicas que a Arqueologia enfrenta, quando tenta aplicar-lhe categorias, quer morfológicas e funcionais, quer geográficas e cronológicas. Como em qualquer ciência, as dificuldades de angariação de dados, os espaços em branco no conhecimento, a necessidade de construir-se ferramentas operativas e o imperativo de se produzir um discurso que permita a um campo científico dizer-se maduro, foram obrigando a Arqueologia a começar pelo método mais fácil, o da construção de propostas tendencialmente monolíticas para a sistematização dos dados do mobiliário, ou, por outras palavras, a construção do que chamamos recorrentemente de *tipologias*.

E este monolitismo das tipologias para a cultura material do mundo romano e tardo-antigo é o pecado original que ainda estamos longe de ultrapassar, apesar dos avanços da investigação em muitos dos espaços do antigo Império Romano e seus sucedâneos, que vão permitindo pouco a pouco a comparação de dados tipo-cronológicos ao longo da pluralidade de espaços em que se produziram e difundiram as diversas tipologias materiais. Mas se é verdade que essa consciência de *plurilitismo* está bem intuída, por exemplo, no caso das cerâmicas comuns, já as cerâmicas finas ainda enfermam de propostas que tendem a ser monolíticas, levando a que os dados crono-estratigráficos de um sítio, de uma parcela regional, ou de um grupo selecto de sítios, supostamente mais relevantes, acabem por se tornar paradigmáticos de um fenómeno muito mais vasto geograficamente. Dito por outras palavras: as tipologias tradicionais tendem a considerar um sítio como representativo de um todo, esquecendo que uma região pode apresentar ideossincrasias crono-estratigráficas e/ou crono-tipológicas e um universo morfológico que não espelhem necessariamente todas as dinâmicas geo-económicas de difusão dos bens, ao longo de todo o seu espaço de circulação. Ou seja, a presença ou ausência de um tipo, numa determinada cronologia de um sítio, não significa automaticamente que já não é elaborado no seu centro de produção; pode, por vezes, significar apenas que numa determinada cronologia possui um *raid* difusão comercial que não inclui o centro de consumo que está a servir de base a uma proposta tipológica.

Por outro lado, os estudos de mobiliário persistem amiúde em não aplicar métodos rigorosos de quantificação tipológica e estratigráfica, o que produz um outro pecado original: a incapacidade de



se intuir a *curva biológica* de um tipo ao longo da sua vida de produção e difusão. É plausível pensar-se que um determinado tipo não tenha tido a mesma intensidade de produção e difusão ao longo de todo o seu segmento temporal. Será até mais sensato colocar-se a hipótese de ter, muitas vezes, uma escassa difusão inicial, um pico de comercialização mais ou menos longo, e uma nova escassa difusão na sua recta terminal. Tal só é diagnosticável com estudos cronoestratigráficos que usem ferramentas quantitativas de análise dos espólios, de que por norma carecem as tipologias tradicionais.

Nas últimas duas décadas ocorreu uma crescente problematização de contextos, tentando fazer frente ao monolitismo das grandes tipologias e à sua inerente distorção das nuances temporais e geográficas da difusão da cultura material. Esta visão foi objecto de vários encontros temáticos, no intuito de recolher contextos estratigráficos de referência.

Na Península Ibérica, podemos destacar o número 2 da revista *Arqueo Mediterrània*, publicado em 1997, com o título *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X). Actes Taula Rodona. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996*; a publicação, em 2010, dos *Contextos ceràmics de època augustea en el Mediterràneo occidental (12-13 de abril de 2007)*, sob a coordenação de Mercedes Roca Roumens (Universidade de Barcelona) e Víctor Revilla Calvo (Universidade de Barcelona); o projecto, em curso, *Ex Officina Meridionali: tecnología, producción, difusión y comercialización de cerámicas finas de origen bético en el Sur peninsular durante el Alto Imperio*, pela mão de M^a Isabel Fernández García (Universidade de Granada), ou a tentativa de promover em Portugal este tipo de raciocínio, o que nos conduziu à publicação, em 2015, da obra conjunta *Contextos estratigráficos de época romana na Lusitania (de Augusto à Antiguidade Tardia)*, enquanto *Actas do colóquio na Associação dos Arqueólogos Portugueses*, levadas a cabo a 24 de Novembro de 2012, com coordenação do signatário e de João Marques.

Em 2008 (tendo sido dado à estampa em 2011), a realização de uma série de encontros no âmbito das cerâmicas finas tardo-romanas, sob a égide de Miguel Ángel Cau Ontiveros (ICREA), Paul Reynolds (ICREA) e Michel Bonifay (CNRS), foi uma tentativa séria de promover novas metodologias que tornassem possível uma nova etapa nos estudos ceramológicos. Com o título *Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology. A review of the evidence, debate and new contexts*, indicava-se taxativamente a necessidade de resolver as tipo-cronologias, fazendo um *aggiornamento* da base empírica estratigráfica disponível a nível internacional, ou seja, dos principais contextos estratigráficos referentes às grandes tipologias tardias.

De todos estes trabalhos ressalva-se um conjunto de metodologias essenciais para a apresentação de contextos e sua aplicação comparativa nos estudos ceramológicos ou de qualquer outra série da cultura material:

- uma leitura crítica dos contextos e das fazes estratigráficas em que se inserem;
- uma quantificação total dos mobiliários, sobretudo os respeitantes às tipologias datantes, finas ou não, com a aplicação das ferramentas estatísticas comumente aceites como válidas a nível internacional (veja-se sobretudo a obra de M. Tuffreau-Libre, publicada em 1998, *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du centre archéologique européen du Mont Beuvray. Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998*);
- desenho (e fotografia quando necessário) de todos os aspectos morfológicos e decorativos que sustentam as propostas tipológicas.



A este esforço eminentemente estratigráfico podemos juntar, na última década, as principais tentativas de actualização das séries tipológicas existentes na Antiguidade (porque novas séries cerâmicas vão sendo conceptualizadas), das áreas produtivas e, enfim, dos tipos, que se vão multiplicando e submultiplicando. Com a edição de Dario Bernal Casasola (Universidade de Cádiz) e de Albert Ribera i Lacomba (Município de Valência), em 2008, das *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión* e, em 2012, das *Cerámicas hispanorromanas. II (Producciones regionales)* deu-se um contributo enorme para a actualização das séries tipológicas; enquanto que com o projecto em curso *Amphorae ex Hispaniae, Paisajes de producción y de consumo*, coordenado por Ramon Járrega (Institu Català d'Arqueologia Clàssica) procura apresentar-se *on-line* todas as fichas tipológicas anfóricas peninsulares, com métodos descritivos homogéneos.

Este último projecto é até aquele, também pela sua dimensão e alcance dos objectivos naturalmente inerentes, que melhor espelha os objectivos de uma associação peninsular como a SECAH, que tenta unir os esforços das comunidades de investigação espanhola e portuguesa, enquanto formadoras de um espaço geográfico coerente na Antiguidade e no Presente.

JOSÉ CARLOS QUARESMA

Professor Auxiliar Convidado: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa. Investigador: Instituto de Estudos Medievais.

josecarlosquaresma@gmail.com

Vigil-Escalera Guirado, A. 2013: "Las últimas producciones de TSHT en el interior peninsular", *Ex Officina Hispana, Cuadernos de la SECAH* 1, 11-24.

Vigil-Escalera Guirado, A. 2015: *Los primeros paisajes altomedievales en el interior de Hispania. Registros campesinos del siglo quinto d. C.*, Bilbao.

¹ K. Kavafis: Viaje a Itaca.

² Anteriormente (García Merino 1991) ya habíamos podido distinguir en la cerámica pintada documentada en *Uxama* a partir del contexto arqueológico en que se hallaba, tres etapas: una arévaca

tardía en las tres primeras décadas del siglo. Luego en los años 40 una manifestación precoz de la cerámica pintada hispanorromana como transición a la producción posterior y la cerámica plenamente hispanorromana pintada que tuvo una larga vida.

³ Estamos trabajando en una monografía sobre esta casa que había tenido una larga vida antes del incendio.

⁴ En este sentido el enfoque de la Household Archaeology ha abierto camino en el estudio de los espacios domésticos de época romana (Allison

2001) lo mismo que la perspectiva del análisis espacial (Bermejo: 2015; Stögger 2011; VVAA: 2014).

⁵ Esta historia se menciona en las primeras páginas del libro de B. W. Petley *The Fundamental Physical Constants and the Frontier of Measurement*, London, 1988.

Consejo de Redacción

Director

M^a Isabel Fernández García

Vocales

Carmen Aguarod Otal
Macarena Bustamante Álvarez
Carmelo Fernández Ibáñez
Carmen Fernández Ochoa
Ramón Járrega Domínguez
Ana Martínez Salcedo
José Carlos Quaresma
Alfonso Vigil-Escalera Guirado

Secretaría de Redacción y Publicaciones

sredaccion.secah@gmail.com

Secretaría

César Heras Martínez

Maquetación

Ediciones de la Ergástula

Colabora

Jorge Raposo (traducciones al portugués)